

A photograph of two young men, one with dark curly hair and a red shirt, the other with red curly hair and a dark shirt, leaning over a computer monitor. The monitor is a CRT type with a perforated metal casing. The title 'INCLUSÃO DIGITAL' is overlaid in large red letters.

INCLUSÃO DIGITAL

Sumário

2 **REVOLUÇÃO SOCIAL**
Parcerias entre o poder público, empresas e a sociedade civil em torno de programas inclusivos começam a dar frutos e já revelam um novo país

6 **EDUCAÇÃO**
Uma nova rede de ensino nasce com a Internet

8 **DEMOCRACIA NA WEB**
Acesso à Internet muda a vida de ex-presidiário

10 **ACESSIBILIDADE**
Informação ajuda deficiente a romper barreiras

14 **SOCIEDADE**
Projetos fazem a tecnologia chegar à periferia

TODO MUND



O DENTRO

Brasil ocupa o 60º lugar entre os países que mais utilizam a Internet

Ter acesso à tecnologia é essencial para combater a exclusão social e abrir oportunidades iguais para todos os cidadãos

O escritor Monteiro Lobato escreveu que um país se faz com homens e livros. Se vivesse hoje, é provável que o autor do Sítio do Pica-pau Amarelo incluísse a Internet – e o computador – como ferramentas indispensáveis de construção da cidadania. Sobre isso, todos concordam. Os governos federal, estaduais e municipais, assim como a sociedade civil – organizações não-governamentais, empresas, sindicatos, escolas e universidades –, estão de acordo em que a inclusão digital é um passo essencial para combater a exclusão social e, dessa forma, erguer um país como aquele com que sonhou Monteiro Lobato há meio século. O Brasil, apesar dos avanços recentes,

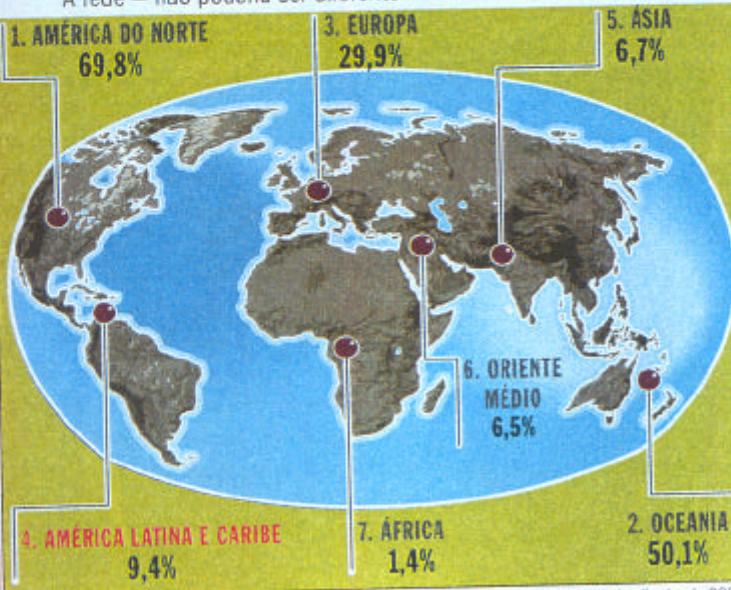
ainda ocupa um modestíssimo 60º lugar entre os países que mais utilizam a Internet em termos percentuais. Apenas 10,8% da população, de acordo com dados recentes da Internet World Statistics, têm acesso à rede mundial de computadores.

A exclusão digital é diretamente proporcional à falta de inclusão social. Com uma agravante: a revolução tecnológica tende a aprofundar o fosso que separa quem domina a nova linguagem e quem não a sabe usar, praticamente condenando estes últimos a não sair do lugar em que se encontram. O analfabetismo digital, na nova economia, é tão grave quanto não saber ler e escrever era para a velha economia.

Embora haja motivos para preocupação, o Brasil tem avançado para superar a exclusão digital, com apoio decisivo também da iniciativa privada. Hoje, a situação é muito melhor do que uma leitura superficial dos números pode fazer crer. Isso porque as novas tecnologias de comunicação e de informação vieram também acelerar o relógio do nosso tempo. Um número cada vez maior de pessoas toma conhecimento da realidade em que vive a uma velocidade incomparavelmente maior do que acontecia antes da revolução digital. E, com isso, criam-se novas consciências, dissemina-se o debate e formulam-se propostas de ação. As novas ferramentas de comunicação e de informação – a Internet, o computador, o telefone celular e o telefone fixo, hoje acessível a camadas da população que, antes, não tinham – passaram a permitir que mais gente conheça as necessidades

A INTERNET NO MUNDO

Cerca de 800 milhões de pessoas estão conectadas à web. Mas este número representa menos de 13% da população mundial. A rede – não poderia ser diferente – reflete a exclusão social



Fonte: Internet World Statistics (junho de 2004)

da sociedade e possa participar das soluções. Hoje, a maioria das empresas desenvolve algum tipo de ação de responsabilidade social. Milhares de pessoas e ONGs espalhadas por todo o país dão a sua contribuição diária para promover a inclusão social. E transformam a realidade.

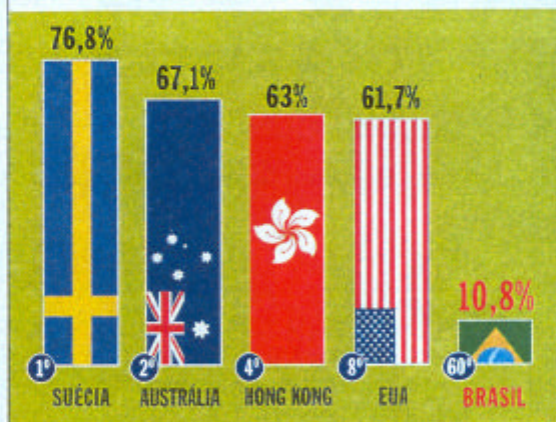
O Projeto Telecentro Porto Alegre, uma parceria da Companhia de Processamento de Dados de Porto Alegre com associações de bairro e empresas da capital gaúcha, é uma dessas contribuições. Hoje, há 14 Telecentros funcionando na cidade, que oferecem acesso gratuito à Internet de banda larga e cursos de microinformática para a população carente. Até o fim do ano, serão 58. Graças a eles, setores da população que antes eram excluídos da realidade virtual agora podem usar os computadores para estudar, informar-se melhor, comunicar-se por e-mail e trocar experiências com pessoas de qualquer parte do mundo. Os Telecentros têm um coordenador, três monitores, 12 computadores, funcionam doze horas por dia durante a semana e 16 no fim de semana. Foram instalados em bairros periféricos de Porto Alegre, como Vila Pedreira, Teresópolis e Cristal. Serão qua-

se 700 computadores à disposição dos moradores. Antes, eles não tinham como se integrar ao mundo globalizado. Ainda é pouco, sem dúvida, para uma metrópole com população de 1,3 milhão de habitantes, em que não mais de 200 mil pessoas utilizam a Internet como ferramenta de construção da cidadania. Mas já é um passo e tanto. A experiência dos Telecentros gaúchos repete-se na maioria das capitais brasileiras, em programas desenvolvidos pelas prefeituras e governos estaduais e se soma ao esforço de ONGs, univer-

sidades e empresas no combate à exclusão digital. Parte considerável deste esforço cotidiano está presente no Manual de Inclusão Digital, publicado pelo Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social em parceria com o CDI – Comitê para Democratização da Informática. Nele, estão registradas em detalhes a experiência de 36 empresas, fundações e entidades que atuam no país em favor da inclusão digital – entre elas, a Fundação Bradesco, a Sadia, a Microsoft, a Rede Globo, o Grupo Telefônica, a Hewlett Packard, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. O diretor executivo do Instituto Ethos, Paulo Itacarambi, explica que as empresas podem contribuir para a mudança do quadro atual a partir da própria comunidade que ela forma juntamente com seus empregados. "Uma ação que pode ser adotada pelas empresas é a disponibilização do seu parque tecnológico para programas de educação para a inclusão digital. Projetos que podem envolver não só o público interno, mas também os familiares dos funcionários e a comunidade". Para ele, a inclusão digital vai contribuir decisivamente para que uma grande parcela da população

QUEM MAIS ACESSA A INTERNET

O vinte países com mais usuários na web têm quase 60% do tráfego da rede mundial de computadores. O Brasil ocupa o 60º lugar, com 10,8% de internautas. A Suécia lidera o ranking, seguida da Austrália. Os EUA estão em 8º lugar



Fonte: Internet World Statistics (junho de 2004)

Um pé novo, pela Internet

Nem todo spam que chega à caixa de entrada do gerenciador de mensagens deve ser considerado lixo. Foi por pensar assim que o médico americano Dan McNamara, especializado em desenvolver próteses para pessoas mutiladas, descobriu que poderia ajudar o estudante Bosno Zijad, que vive em Sarajevo. Ex-soldado do Exército da Bósnia, ele perdeu o pé direito ao pisar em uma mina durante a guerra na ex-Iugoslávia, há dez anos. Zijad enviou mensagens pela Internet pedindo ajuda para obter uma prótese, mas não imaginava que ela viria de tão longe. Veio de Washington, onde McNamara tem sua oficina.

Este é apenas um exemplo radical do que a comunicação virtual vem fazendo por pessoas do mundo inteiro. No dia-a-dia, ela é mais usada para permitir que comuni-

dades virtuais de vários países troquem experiências, como professores e jovens estudantes, e também para romper o isolamento de quem vive na pobreza.

Assim como acontece no Brasil, os Telecentros hoje são a principal ferramenta de inclusão digital de quem não tem acesso à Internet e a computadores na América do Sul. O continente ocupa apenas o 4º lugar entre os que mais acessam a Internet no mundo, com 9,4% de usuários. Em termos de políticas públicas, os Telecentros têm sido a principal ferramenta de inclusão usada pelos governos. É o que se verifica na Argentina, no Peru e no Equador, por exemplo. Em Buenos Aires, mais da metade dos internautas usa centrais de acesso público para conectar-se, assim como em Lima, a capital peruana. Muitas são de uso privado, mas cobram preços quase simbólicos pela utilização: o equivalente a 1 a 2 reais por hora.



Jovens usam Internet como ferramenta de comunicação

possa exercer a cidadania. "E, com isso, ter um maior controle sobre as ações do poder público."

Um outro livro traz o outro lado da ação inclusiva: a do cidadão comum. Em *Inclusão Digital*, com a palavra, a sociedade, publicado pela Plano Editorial, com apoio do Grupo Telefônica, estão presentes relatos de voluntários como Cláudio Pereira da Silva, de 31 anos, e Deise de Souza Lima, de 20, que atuam como repórteres do jornal *O Cidadão* - distribuído na Favela da Maré e em outras do Rio de Janeiro, e da Comunidade Viva, a revista online do Portal Viva Favela, criado pela ONG Viva Rio. Ele escreve, e ela fotografa. Ambos aprenderam seus ofícios na Estação Futuro, outra entidade do Complexo da Maré. "Escrever no Viva Favela é uma maneira de mostrar a comunidade para o mundo", disse Cláudio em seu depoimento.

O presidente do Grupo Telefônica no Brasil, Fernando Xavier Ferreira, explica que a inclusão digital é peça fundamental do projeto, mais amplo, de ações de responsabilidade social do conglomerado de empresas que dirige. "Em vez

de apenas financiar iniciativas, criamos uma Fundação para implementar ações que utilizem as modernas ferramentas da tecnologia para combater a exclusão social".

Usar computadores e o acesso à Internet para promover a inclusão digital é apenas o patamar básico da ação de combate à exclusão. As empresas e os governos podem contribuir para criar a infra-estrutura sobre a qual se vai erguer o edifício. Mas também é preciso criar o conteúdo que o usuário de Internet vai acessar. Afinal, não se faz inclusão



INTERNAUTAS NA AMÉRICA DO SUL

Apesar de ocupar o quinto lugar na tabela, o Brasil tem 54% dos internautas do continente: 20 milhões. O Uruguai, que lidera, 3,3% - ou 1,3 milhão

1. URUGUAI	34,7%
2. CHILE	23,1%
3. GUIANA	14,4%
4. ARGENTINA	10,9%
5. BRASIL	10,8%



Fonte: Internet World Statistics (junho de 2004)

sem informação de qualidade. Também é necessário promover a capacitação dos agentes envolvidos na ação. Finalmente, é preciso desenvolver projetos que permitam aproveitar de forma produtiva a infra-estrutura, o conteúdo e a capacitação. Esse conjunto de ações de inclusão digital, se bem realizado, terá como resultado a inclusão social. Este é o objetivo maior de quem combate a exclusão.

A NOVA RED

Projetos criativos, profissionais capacitados e parcerias com o setor privado ajudam a melhorar a qualidade da escola pública

Está longe de ser uma revolução, mas o germe de uma mudança profunda, decorrente do avanço do uso do computador, prolifera nas escolas públicas brasileiras. Nada virtual, porém, essa transformação baseia-se ainda em outros ingredientes: projetos criativos, profissionais capacitados e parcerias entre empresas, poderes públicos, universidades e comunidades. No mundo moderno, estes parceiros estão convictos, o caminho do conhecimento começa com a democratização da informática.

São inúmeras as grandes companhias envolvidas com projetos de inclusão digital voltados à Educação. Uma delas, a Microsoft, está investindo 250 milhões de dólares no mundo todo para implementar seu programa Parceiros da Aprendizagem, que no Brasil já funciona, desde o ano passado, em São Paulo, na Paraíba e em Goiás. O projeto opera em parceria com poderes públicos e tem três tripés: por meio de contratos com órgãos oficiais, a empresa disponibiliza suas principais ferramentas para as escolas, revalida licenças de equipamentos que os estabelecimentos receberam de terceiros e capacita professores: "O objetivo é contribuir com a melhoria da qualidade da educação e do aprendizado", diz a gerente do programa educacional da Microsoft, Márcia Teixeira.

Recentemente, a empresa inaugurou em Campinas (SP) um centro de capacitação de estudantes e professores, que também se dedicará a pesquisas sobre integração da tecnologia da informação à educação. Parceira da Microsoft nesse projeto, a Fundação Bradesco está treinando os alunos e docentes

de sua própria rede de ensino, com 40 escolas em todo o País; estes serão multiplicadores e levarão os conhecimentos para as escolas públicas.

Com outros grandes parceiros – CISCO, Intel e MIT Media Lab – a Fundação Bradesco mantém vários outros projetos de inclusão digital relacionados à educação, como a Escola Virtual. Trata-se de um ambiente interativo em que estudantes e educadores assistem a aulas e participam de chats, fóruns e conferências on-line – este ano o projeto deve atingir cerca de 60 mil pessoas das redes pública e particular de ensino.

Outro exemplo bem-sucedido é o portal EducaRede, concebido pela Fundação Telefônica e mantido em parceria com a Fundação Vanzolini, o CENPEC e o provedor de Internet do Grupo Telefônica, o Terra Lycos. Maior portal entre os voltados inteiramente para a rede pública brasileira, o EducaRede atingiu e mantém, desde abril passado, a marca de 1 milhão de pageviews mensais. Dirigido para o uso pedagógico e alinhado com a política educacional do país graças à presen-

ça, em seu conselho consultivo, de representantes do Ministério da Educação e da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, o portal não se limita a fornecer conteúdo didático – sua filosofia é baseada em conteúdos transversais e muita interatividade. Disponibiliza ferramenta de pesquisa escolar, divulga trabalhos, promove bate-papos com especialistas e entre comunidades escolares.

Nas escolas em que o portal é adotado, acarreta pequenas revoluções. Na EMEF Pracinhas da FEB (Forças Expedicionárias Brasileiras), no bairro M'Boi Mirim, periferia da Zona Sul paulistana, essa mudança é evidente. Na sala de apoio pedagógico, por exemplo: "Os alunos passaram a se interessar mais pelas aulas", diz a professora Vera Mendes. "É um recurso a mais para as crianças com dificuldades de aprendizagem."

Para o professor de Ciências Sérgio Pereira Ramos, os bate-papos com especialistas são umas das ferramentas mais interessantes: "Antes, ficávamos restritos às informações de livros ultrapassados". O bate-papo que mais ajudou a estudante da oitava série Cristina Schinoka, de 14 anos, no entanto, foi com uma especialista em sexo: "Na sala, a gente tem vergonha de conversar sobre sexo".

Um outro importante programa de inclusão digital nas escolas públicas apoiado pela Fundação Telefônica e pela Vitae é o Laboratório Virtual (Labvirt) da Escola do Futuro da Universidade de São Paulo. Relacionado ao estudo de Física, matéria que consegue tornar mais simples e muito mais atraente para os estudantes, o Labvirt,

QUEM MAIS INCLUI

O acesso à Internet nas escolas é essencial para combater a exclusão digital. Confira os estados que estão fazendo a lição de casa como se deve



1. São Paulo	49,7%
2. Paraná	37,2%
3. Rio de Janeiro	34,4%
4. Rio Grande do Sul	31,7%
5. Distrito Federal	29,9%

Fonte: Mapa da Exclusão Digital - Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (junho de 2004)

E DE ENSINO



Solange, Tânia e Fernando do LabVirt, e Nunes, coordenador da Escola do Futuro

baseia-se num site, por meio do qual alunos e professores buscam informações, divulgam trabalhos e trocam experiências. O maior desafio do LabVirt, na opinião de seu idealizador e coordenador, César Nunes, é mudar a concepção pedagógica dos professores, normalmente preparados para ministrar aulas passivas: "Mas, como eles próprios estão sentindo que o método tradicional já não está funcionando, fica mais fácil mudar".

Na EEPSP Prof. Dr. Laerte Ramos de Carvalho, em Cidade Dutra, também na Zona Sul de São Paulo, por exemplo, um grupo de estudantes quis compreender os distúrbios elétricos do cérebro: "Fizeram uma pesquisa enorme sobre epilepsia, envolveram o professor de Biologia, perceberam a inter-relação entre as matérias. Isso seria impossível numa aula tipo giz-lousa", diz a professora de Física Solange Fonseca Andrade. "É maravilhoso. A gente vê Física onde não imaginava e se envolve com a solução dos problemas", afirma a aluna do terceiro ano do ensino médio Tânia Pereira dos Santos, de 17 anos.

Já a ONG Alfabetização Solidária, em parcerias com prefeituras, associações de bairro ou sindicatos, está espalhando pelo País salas de seu projeto Alfabetização Digital, porta de entrada para jovens e adultos ao mundo dos computadores. Nas salas, eles aprendem a manejar softwares básicos e navegar na Internet. "Em apenas um ano e meio, saltamos de 22 cidades para 60 e deveremos chegar a perto de 100 salas até o final do ano", diz a superintendente executiva da ONG, Regina Esteves de Siqueira.

Foto: Adauto Nogueira e Helena Seston

MOTIVAÇÃO

Ações como o Comitê para a Democratização da Informática mudaram a vida de pessoas como o ex-preso Ronaldo Monteiro

Quando, há quase 10 anos, o empresário e professor de informática Ronaldo Baggio idealizou o Jovemlink – que pretendia promover a integração entre jovens de diferentes classes sociais por meio da então incipiente Internet –, provavelmente não imaginava a dimensão que a iniciativa tomaria. Nesse período, ele concebeu o Comitê para a Democratização da Informática (CDI), que estimula o exercício da cidadania em comunidades carentes do Brasil e de mais 10 outros países. Baggio também mudou de profissão; hoje é um empreendedor social: "Ajudamos as pessoas a ajudarem a si mesmas", diz ele sobre o trabalho que comanda.

O CDI é pioneiro no Brasil em inclusão digital. Mas a ONG, que conquistou patrocinadores como o Grupo Telefônica, Fundação Avina, Philips, Xerox, Unibanco e Banco Mundial, usa a informática apenas como meio de promover o acesso ao conhecimento, este sim, capaz de emancipar os cidadãos. A principal forma de ação do CDI é a criação das Escolas de Informática e Cidadania (EICs), que inserem os jovens carentes no mundo digital e são montadas com computadores usados doados pela iniciativa privada. As EICs funcionam com monitores selecionados em parceria com organizações não-governamentais, que ganham assim uma alternativa de reforço da renda familiar.

A história do ex-presidiário Ronaldo Antonio Monteiro, de 45 anos, é exemplar. Ele foi capacitado pelo CDI em 1999, num presídio do Complexo Frei

Caneca, no Rio de Janeiro. Ali mesmo tornou-se um multiplicador da proposta da ONG.

Ronaldo e um grupo de internos elaboraram na cadeia um projeto que, além dos detentos, previa atender suas famílias: "Esta é a grande motivação de um homem que cumpre pena. O que são seis meses de curso para quem ficará preso vários anos?" Ainda para estimular o presidiário, o projeto previa capacitação de seus familiares para geração de renda, pois, diz Ronaldo, o sustento da mulher e dos filhos é a maior preocupação dos detentos.

A partir dessas reflexões, o grupo incluiu no projeto cursos de informática, culinária, artes cênicas e gestão, que rapidamente cativaram integrantes de 100 famílias. Hoje, das mulheres que fizeram o curso de gestão, 6 ajudam a administrar as ONGs Gente Cidadã, no bairro Engenho da Rainha, e Uma Chance, em São Gonçalo, ambas nascidas do desdobramento da intervenção do CDI no Frei Caneca, que se expandiu para várias outras penitenciárias brasileiras. Desde o início, os presos colaboram financeiramente com o projeto: aprenderam a reciclar papel e doam para as ONGs o dinheiro obtido com a atividade.

Libertado há dois meses, o ativo Ronaldo é uma prova contundente do resultado da pedagogia de projetos aplicada nas Escolas de Informática e Cidadania (EICs) que o CDI vem espalhando mundo afora, aliando o ensino técnico a temas da realidade local. Essas escolas informais, nascidas de parcerias

Foto: Eduardo Menezes



A responsabilidade das empresas

Hoje, as empresas socialmente responsáveis já reconhecem a importância de desenvolver um trabalho para promover a inclusão digital. Mas como dar o primeiro passo? O caminho das telas está no manual "O que as empresas podem fazer pela Inclusão Digital", um guia completo lançado esse ano pelo Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social em parceria com o Comitê para a Democratização da Informática (CDI).

"O Manual oferece um conjunto de idéias que a empresa pode adotar para patrocinar e aplicar programas de inclusão digital. Mais do que isso, ele prova, com o relato de experiências práticas, que essas idéias podem ser transformadas em realidade e que a empresa pode aproveitar o conhecimento já acumulado para trilhar seu próprio caminho", enfatiza Paulo Itacarambi, diretor executivo do Instituto Ethos.

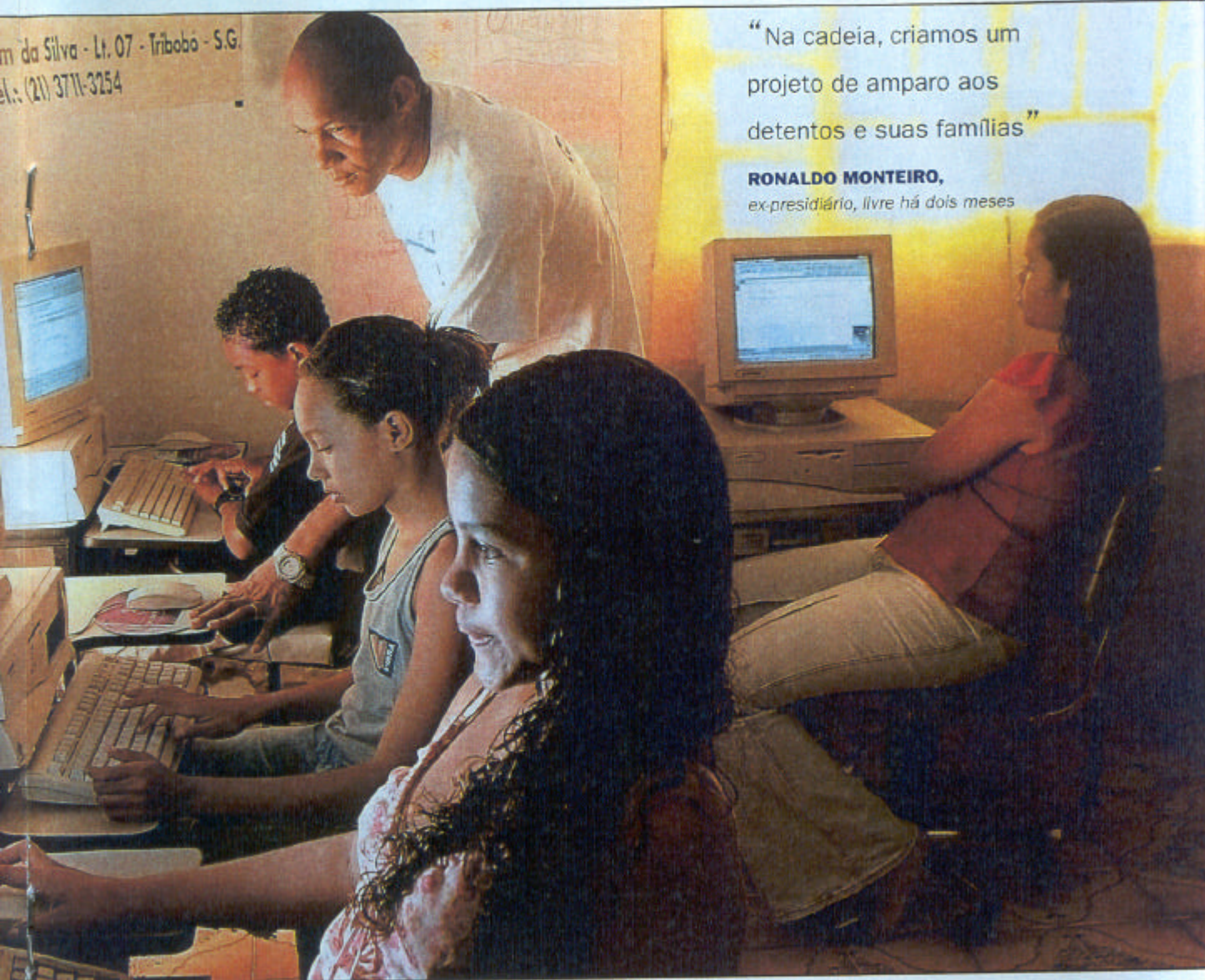
O manual pode ser baixado pela Internet nos endereços www.ethos.org.br (Publicações Ethos/ Documentos) e www.cdi.org.br.

INOVADORA

da Silva - Lt. 07 - Tribobo - S.G.
tel.: (21) 3711-3254

“Na cadeia, criamos um projeto de amparo aos detentos e suas famílias”

RONALDO MONTEIRO,
ex-presidiário, livre há dois meses



Ronaldo Monteiro orienta um grupo de jovens de uma ONG de Niterói em exercícios de informática

entre o CDI e organizações comunitárias – como associações de bairro, entidades de classe ou grupos religiosos – são auto-sustentadas, inclusive por meio de mensalidades dos participantes, às vezes simbólicas.

Inicialmente concebidas para a formação de jovens, as EICs também hoje capacitam, além de presidiários, pacientes de hospitais psiquiátricos, portadores de deficiência auditiva e visual, índios, adolescentes infratores. No mun-

do, o CDI ajudou a criar até agora 863 EICs, pelas quais já passaram 537 mil alunos: “Ao longo dos anos, aprendi que era preciso ser flexível, adaptar-se à realidade como um rio se adapta a seu leito”, diz Baggio.

ROMPENDO

A Internet oferece um mundo de informações e serviços aos portadores de deficiência



Baggio está empenhado em criar a Associação Brasileira de Síndrome Pós-Pólio

Quais são as opções de transporte adaptado para pessoas com deficiência? Existem escolas de música adaptadas para trabalhar com deficientes? Informações como essas dificilmente estão em guias. Mas elas podem ser facilmente encontradas em sites na Internet. Criada em 1999 pela Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e de Atividades Especiais da Universidade de São Paulo (Cecae-USP), em parceria com a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), o Amankay Instituto de Estudos e Pesquisa e o Núcleo de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NCE-UFRJ), a Rede Saci transformou-se na principal referência brasileira em iniciativas de inclusão digital e social sobre deficientes por meio de seu portal na Internet (www.saci.org.br) e de seus Centros de Informação e Convivência.

"A Rede Saci colocou um universo de informações mais próximo de mim", elogia o assessor editorial Luís Baggio, 49 anos. Baggio teve poliomielite aos 2 anos e atua com defesa dos direitos dos deficientes desde que completou 26. No momento, está envolvido com a criação da Associação Brasileira de Síndrome Pós-Pólio. Para ele, a Rede Saci é responsável por muitos dos avanços verificados na inclusão social de pessoas portadoras de deficiência nos últimos anos. "Eu fiquei seis meses deitado numa cama. Se naquela época tivesse computador...", conta Renato Laurenti, 42 anos, que sofreu um acidente de carro em 1984 e ficou tetraplégico. Hoje, ele atua como repórter do site e percorre São Paulo para averiguar e escrever sobre acessibilidade dos espaços físicos para os portadores de deficiência.

Com 24,5 milhões de portadores de algum tipo de deficiência, segundo o

BARREIRAS



Foto: Augusto Vasconcelos

“A inclusão social do
deficiente também depende
de informação correta”

LIA CRESPO, jornalista



Censo do IBGE de 2000, o Brasil certamente ainda tem que avançar muito mais. Para isso, um instrumento básico é a educação inclusiva. O portal, financiado pela Fundação Telefônica e pela Vitae, abre espaço em seu canal Educação para alunos portadores de deficiência, seus familiares e também para educadores trocarem experiência.

Mas a Rede Saci vai além da educação. Com cerca de 8 mil usuários cadastrados – dos quais 40% são portadores de algum tipo de deficiência (mental, física, visual, auditiva, orgânica e múltipla), 20% familiares e outros 40% profissionais –, a rede tem também um canal voltado para práticas inclusivas no trabalho. "A informação sobre deficiência quebra tabus", enfatiza a coordenadora e supervisora de comunicação da Saci, Ana Maria Estela Barbosa.

Outros portais na Internet também se destacam pela qualidade dos serviços que oferecem aos internautas com algum tipo de deficiência. No site da revista Sentidos (www.sentidos.com.br), publicação especializada em inclusão social, o deficiente pode cadastrar o seu currículo gratuitamente em um banco que é acessado por empresas interessadas em contratar esses profissionais. "O site também fez parcerias com entidades como o Instituto Paradigma para prestar esclarecimentos de dúvidas sobre mercado de trabalho, educação, reabilitação, esportes, isenção de impostos, acessibilidade arquitetônica e digital, habilitação e adaptação veicular",

informa o diretor editorial da Sentidos, Dirceu Pereira Jr.

O enfermeiro aposentado Aparecido Alves Izidoro perdeu a visão por causa do diabetes aos 38 anos. Para se locomover sozinho, pegou um pedaço de vara de pescar e foi até a Fundação Dorina Norwill pedir uma reglete e uma bengala. Mas precisou fazer muito mais para se adaptar a sua nova condição. "Tive de aprender a ler e escrever novamente e adquirir mobilidade. Eu não tinha noção de como era a vida do deficiente visual", lembra Izidoro, que integra o Conselho Estadual para Assuntos da Pessoa Portadora de Deficiência e do Conselho Municipal de Guarulhos (SP). Ele aprendeu a linguagem HTML para construir o site da ONG Visão Brasil e divulgar as ações do Movimento de Cegos de São Paulo. "A Internet e a informática estão aí para auxiliar o deficiente de forma mais ampla. Com essas ferramentas podemos mostrar que o deficiente visual também é capaz de produzir algo que seja útil para a sociedade."

Alessandra Grimaldi nunca conseguiu comunicar-se até que um computador adaptado às suas necessidades permitiu que se expressasse pela primeira vez. Ela frequentou a Escola Especial de Informática (EIC) mantida pela Convergys, onde são usados equipamentos especiais como teclados colméias e mouses do tamanho de um sapato. "Optamos por atender um setor da sociedade que é muito discriminado, o dos deficientes neu-

romotores", explica Roberto Ataíde, diretor de marketing da empresa para a América Latina. Fornecedora de soluções de billing e employee e customer care, a Convergys apóia 125 projetos sociais em todo o mundo. No Brasil, investe também em um projeto de capacitação e inclusão de deficientes visuais no mercado de trabalho, em parceria com a instituição Laramara.

O site da Laramara (www.laramara.org.br), especializada em diagnóstico e habilitação de crianças e jovens deficientes visuais, lançou seu Centro de Educação a Distância com o objetivo de desenvolver programas de capacitação continuada pela Internet, com material didático produzido pelos profissionais da própria instituição. São iniciativas assim que ajudam os portadores de deficiência a romper barreiras. Elas vão além da inclusão digital, promovem, na verdade, a inclusão social de pessoas especiais que estavam buscando um instrumento para se comunicar com o mundo.

"Não sei como se podia viver sem Internet", observa a jornalista Lia Crespo, 50 anos, uma das fundadoras do Centro de Vida Independente de São Paulo. Lia, que teve pólio com 1 ano de idade, usa o computador para tudo, de operações bancárias e compras a pesquisas para o doutorado que pretende cursar na USP. "A inclusão social do deficiente não depende só de convivência, mas também de informação correta", ensina ela.

Acesso digital

Confira alguns dos principais sites voltados para portadores de deficiência:

- www.saci.org.br/ - Site voltado para a difusão de informações sobre deficiência, visando a estimular a inclusão social e o exercício da cidadania de deficientes
- www.ame-sp.org.br/ - Site da Amigos Metroviários dos Excepcionais (AME), organização voltada para a reabilitação e inclusão de pessoas portadoras de deficiência.
- www.sentidos.com.br/canais/ - Site mantido pela Áurea Editora, que também publica uma revista com o mesmo nome. Tem notícias e reportagens sobre comunidades, educação, mercado de trabalho, ciência e até culinária.
- www.cedipod.org.br/ - Site do Centro de Documentação e

Informação do Portador de Deficiência, com um amplo banco de dados sobre legislação e direitos civis.

- www.acessobrasil.org.br - Site da Acessibilidade Brasil, organização voltada para o apoio à inclusão social e econômica de pessoas portadoras de necessidades especiais que foi criada por especialistas de diversas áreas.
- www.laramara.org.br/ - Site da Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual, que mantém o Centro de Desenvolvimento e Inclusão da Pessoa com Deficiência Visual (-CDIPDV) e o projeto Brincanto, além de cursos à distância.
- www.cvilan.sites.uol.com.br/ - Site do Centro de Vida Independente Araci Nallin, organização não-governamental constituída por pessoas deficientes e não deficientes que oferece informações e serviços para que portadores de deficiência conquistem mais autonomia.

Renato Laurenti, o repórter Saci,
percorre São Paulo para averiguar a
acessibilidade dos espaços públicos



PORTEIROS DA

Como projetos do poder público e da sociedade começam a possibilitar o acesso da periferia aos meios digitais

Acada ano o poder público e a sociedade organizada em ONGs e Fundações multiplicam centros comunitários de inclusão digital. O objetivo é um só: permitir que a população menos favorecida tenha condições de participar dessa nova realidade. "O surgimento de qualquer tecnologia faz com que os abismos sociais fiquem cada vez maiores. A apropriação da nova linguagem por todos é necessária porque se torna um elemento de disputa de poder. Temos que sensibilizar as pessoas para que percebam a interferência disso nas próprias vidas", explica Corinto Meffe, gerente de projetos de inovações tecnológicas do Ministério do Planejamento.

Atualmente o Ministério mantém 60 Telecentros, espaços gratuitos para acesso à Internet, e há previsão de construção de mais 106 em todo o país. Uma grande aposta do Governo Federal está no lançamento do projeto Computadores para Inclusão Digital, que irá promover o acondicionamento de computadores descartados pelo governo e pela iniciativa privada para serem utilizados nos Telecentros, escolas públi-

cas e bibliotecas. O objetivo é reduzir o custo de aquisição das máquinas por meio de centros de acondicionamento que serão instalados em São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Outro ministério, o do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, avança em um programa que prevê a implementação de Telecentros de Informação e Negócios, voltado às pequenas e às microempresas.

As administrações municipais e estaduais também contribuem de forma decisiva para reduzir a exclusão digital. Em parceria com a Escola do Futuro da Universidade de São Paulo, o Programa Acesso São Paulo, criado pelo governo paulista, é responsável por 133 Infocentros espalhados pelo estado com mais de 360 mil usuários cadastrados. Mas, dar computadores e internet não é suficiente. "Deve haver todo um trabalho de desenvolvimento para que as próprias comunidades se apropriem das novas tecnologias", destaca Drica Guzzi, Coordenadora da área de Inclusão Digital da Escola do Futuro. Atento a isso, o Acesso São Paulo capacita monitores recrutados nos bairros onde há Infocentros instalados. O programa também encoraja os usuários a desenvolver projetos para usos diversificados dos computadores. Já foi criado desde um grupo de discussão exclusivamente feminino a uma pequena



Carlos Alberto acredita que o acesso a tecnologia muda a vida das pessoas

QUEM TEM ACESSO A INTERNET NO BRASIL

Os adultos acessam mais a Internet – ou por terem computador próprio ou por fazê-lo no trabalho. O jovem é a principal vítima da exclusão digital



Fonte: Mapa da Exclusão Digital - Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (junho de 2004)

agência de empregos on-line. O programa incentiva não só o aprendizado de noções básicas de computação, mas também idéias de como usá-las no cotidiano das pessoas.

Também a Prefeitura de São Paulo mantém um ambicioso programa de Telecentros – já são 200, sendo vinte deles patrocinados pelo Grupo Telefônica, que forneceu computadores, conexão à internet e até mesmo reformou alguns pré-

TECNOLOGIA

dios onde os centros foram instalados. A empresa, com seu programa Internet nas Escolas, já instalou computadores, acessos rápidos à internet e impressoras em 800 escolas do governo do Estado de São Paulo e das prefeituras da Capital e de Osasco.

O que fazer com a tecnologia também é a grande preocupação de Carlos Alberto da Silva, 20 anos, que aprendeu a lidar com computadores em um espaço de inclusão digital no Instituto Dom Bosco em São Paulo. Carlos passou a sentir necessidade de apropriar-se dessa linguagem por conta da sua militância em movimentos políticos e, desde então, tem na inclusão digital uma bandeira a ser erguida. Através de seu grupo, o "PYCUNA Rede de Jovens Ativistas", já conseguiu até uma parceria para a criação de um laboratório de informática na Favela do Sapo, na região norte da cidade. O ativista, no entanto, diz esperar mais de um projeto do que apenas a concessão de equipamentos. "O computador deve também servir como um instrumento de transformação. A inclusão digital não é um fim, mas um processo para se alcançar um objetivo maior: a inclusão social", afirma.

"Digitando o Futuro" é o nome do programa da Prefeitura de Curitiba que vem sendo desenvolvido pelo Instituto Curitiba de Informática (ICI) há 4 anos e que hoje já superou a marca de 2 milhões de acessos gratuitos à Internet. Primeira rede de Internet pública no Brasil, o programa está presente em escolas municipais e em espaços públicos. E quando não há um ponto de acesso fixo, o atendimento é feito através do InterClique, um ônibus que percorre os bairros e parques municipais. "Com esses pontos a gente consegue gerar mais de 90 mil horas de acesso gratuito à Internet por mês. E com o acesso, a população aprende a usar o com-

putador, fazer pesquisa na internet e enviar e-mails para amigos e parentes" afirma Fabrício Zanini, gerente do projeto Digitando o Futuro.

Já o portal RISolidária (www.risolida.org.br) utiliza a tecnologia para contribuir para a causa da infância e adolescência brasileiras. Ele foi criado pela Fundação Telefônica para dar apoio a entidades do terceiro setor envolvidas com a orientação sobre os direitos da Criança e do Adolescente, oferecendo informação e troca de idéias. O RISolidária se integra a outro programa da Fundação Telefônica, o Pro-Direitos. Criado em 1999, o Pro-Direitos começou financiando projetos apoiados pelos Conselhos Municipais de Direitos da Criança e do Adolescente nos quais os menores em conflito com a lei deixavam as instituições fechadas como as Febens para cumprir medidas sócio-educativas em meio aberto. Este objetivo hoje foi assumido pelo programa Medida Legal. Assim, o Pro-Direitos dedica-se hoje a integrar, com equipamentos e redes eletrônicas, todas as ONGs e órgãos governamentais que cuidam de menores em determinada região.

Com a meta de capacitar jovens de baixa renda de 14 a 24 anos, o programa Garagem Digital foi desenvolvido pela HP Brasil e a Fundação Abrinq pelos Direitos das Crianças. Em cada unidade do Garagem Digital, profissionais especializados, com apoio de equipamentos de última geração, ensinam aos jovens como desenvolver suas potencialidades com o apoio da informática.

A primeira edição do Garagem Digital desenvolveu o portal da Associação Meninos do Morumbi (www.meninosdomorumbi.org.br), depois de um trabalho de nove meses com 120 jovens de bairros carentes da Zona Sul de São Paulo e dos municípios do Taboão da Serra e Embu. "Sabemos que nossos recursos

ACESSO A INTERNET

Aqui, os três Estados que mais oferecem acesso à Internet a seus moradores. E também os que menos oferecem

OS TRÊS MAIS

Distrito Federal	23,87%
São Paulo	17,98%
Rio de Janeiro	15,51%

OS TRÊS MENOS

Maranhão	2,05%
Tocantins	2,76%
Piauí	2,78%

Fonte: Mapa da Exclusão Digital - Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (junho de 2004)

são limitados para resolver todo o abismo digital que temos no país e, justamente por isso, queremos compartilhar nossa experiência com a sociedade e com o poder público." afirma Juarez Zortea, coordenador do Comitê de Responsabilidade Corporativa da HP.

Quando programas tão diferentes comecem a dar certo, aparecem algumas iniciativas que mostram uma incipiente apropriação dos meios tecnológicos pela periferia. É o caso, por exemplo, do portal Viva Favela (www.vivafavela.com.br) operado pela ONG Viva Rio desde 2001. Além de oferecer hospedagem gratuita e apoio tecnológico, o Viva Favela presta serviços e conta com uma equipe de correspondentes comunitários, repórteres e fotógrafos remunerados, que têm equipamentos e liberdade para dar a versão de dentro do que acontece nos morros e nos bairros mais pobres. Com isso, além de promoverem a democratização dos meios digitais, promovem a democratização da informação e se fixam como comunidade viva de incluídos digitais. É um portal do povo que quer ser e viver como incluídos.com.

REDES DE DISCUSSÃO

Visite os sites que informam e incentivam o desenvolvimento social no Brasil

www.educarede.org.br - Criado pela Fundação Telefônica, o portal, totalmente gratuito, oferece conteúdos e jogos que estimulam e orientam alunos e professores a usar as tecnologias de informação e comunicação (TICs) como instrumentos auxiliares no processo de ensino e aprendizado. A Oficina de Criação é um braço do site que coordena a criação e publicação de livros virtuais.

www.risolidaria.org.br - O portal é dedicado à proteção integral dos direitos de crianças e adolescentes. Traz orientações-chave para a estruturação das redes online de atendimento a jovens propostas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Na "Cidade dos Direitos" uma animação gráfica explica a legislação de forma lúdica e didática.

www.incluido.com.br - Aqui além de conhecer as principais ações e projetos sobre o tema, é possível baixar em capítulos o eBook do livro "Inclusão Digital: com a palavra, a sociedade", publicado com apoio do Grupo Telefônica e que apresenta um painel do que vem sendo feito em todo o Brasil para reduzir a exclusão.

www.cdi.org.br - O site do Comitê de Democratização da Informática relata o trabalho da ONG, reúne dados e orientações para multiplicação dos comitês e das Escolas de Informática e Cidadania (EICs), além de oferecer informações sobre o mapa da exclusão digital no país.

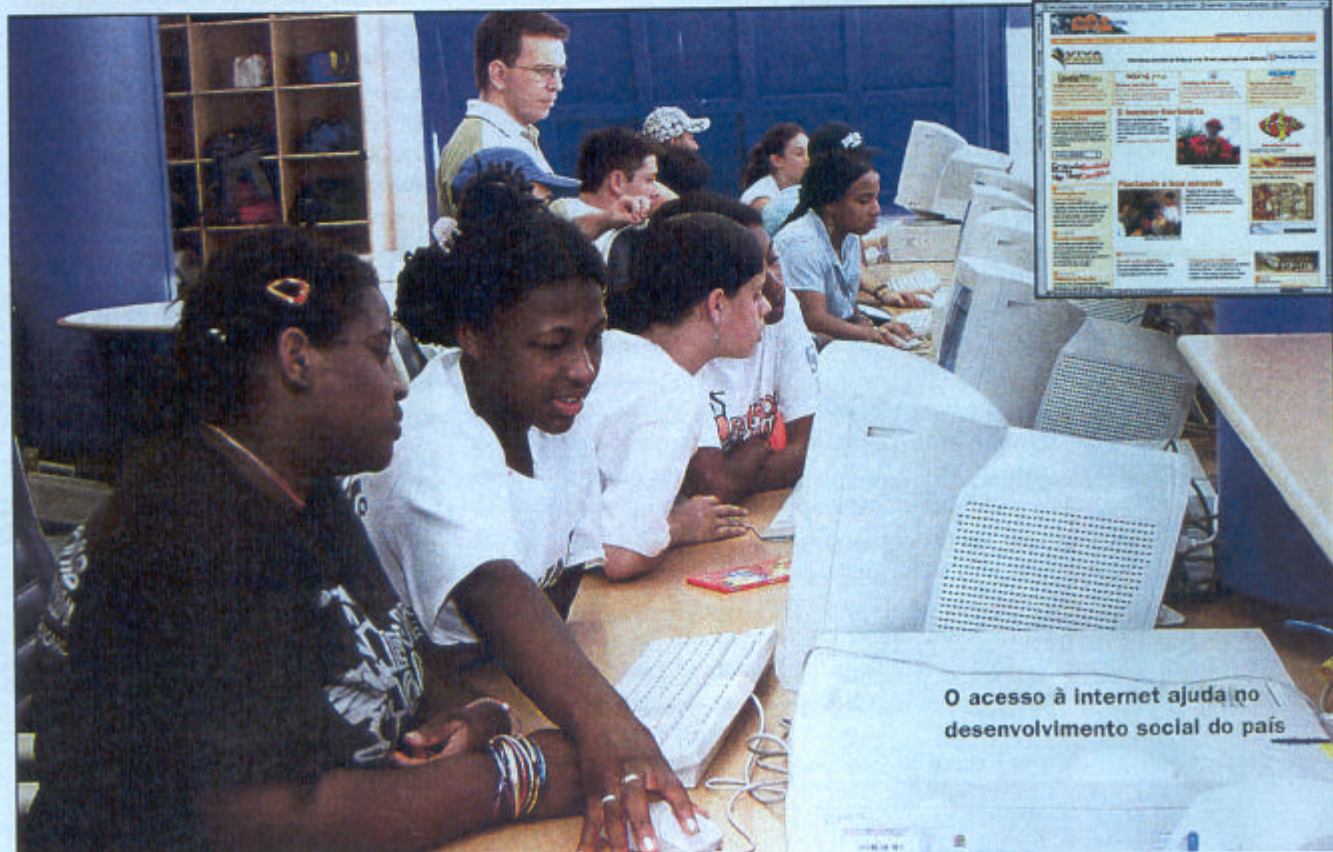
www.labvirt.futuro.usp.br - Site do Laboratório Didático Virtual da Escola do Futuro da Universidade de São Paulo que divulga notícias científicas,

projetos educacionais e simulações com o objetivo de facilitar o aprendizado do ensino de Física nas escolas e desenvolver o pensamento crítico.

www.vivafavela.com.br - Produzido pela ONG Viva Rio, o portal oferece ferramentas para a inclusão digital de quem vive nas favelas e bairros pobres do Rio de Janeiro. Traz matérias e artigos de vários parceiros e dos próprios moradores das favelas. Em tempo real, é possível conferir notícias do interesse das comunidades.



Sites como o RISolidaria ajudam a criar uma sociedade mais justa



O acesso à Internet ajuda no desenvolvimento social do país